



HAL
open science

Do centro à periferia. Resistências e trajetórias de historiadores saneados após o 25 de abril de 1974

Christophe Araujo

► **To cite this version:**

Christophe Araujo. Do centro à periferia. Resistências e trajetórias de historiadores saneados após o 25 de abril de 1974. A Revolução dos Cravos sob o olhar dos seus opositores, Victor Pereira; Marie-Hélène Villas-Boas; Gautier Garnier, Mar 2024, Lisbonne, Portugal. hal-04492710

HAL Id: hal-04492710

<https://hal.science/hal-04492710>

Submitted on 6 Mar 2024

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License

Do centro à periferia. Resistências e trajetórias de historiadores saneados após o 25 de abril de 1974

Seminário “A Revolução dos Cravos sob o olhar dos seus opositores” no

Instituto de Ciências Sociais

Christophe Araújo, 6 de março de 2024

Gostaria em primeiro lugar de agradecer a e os organizadores desta sessão pelo desafio, pois, como algumas pessoas devem saber, não sou um especialista do período tal como a minha pequena biografia relembrou. Desta forma, ao aceitar esta proposta, quis tentar dar início à uma investigação que vai além do período de 1974, que foi o fim da minha tese de doutoramento. Espero que este primeiro esboço que vou agora apresentar lançará umas férteis pistas e contribuirá para a discussão, apesar de ainda não dispor de todos os elementos arquivísticos em mão. A minha principal pergunta é: como é que historiadores vistos como as referências ao nível historiográfico viveram o afastamento da Cátedra por motivos políticos?

Não consigo resistir em apresentar um pouco a situação dos historiadores antes do 25 de Abril. Ao nível profissional, se uma grande parte dos historiadores puderam exercer como professores efetivos na universidade portuguesa, um certo número de historiadores não teve a oportunidade de integrar os quadros universitários devido as suas posições políticas, nomeadamente os que eram ligados ao comunismo ou em franca oposição ao regime. Do lado da escrita da história, podemos ressaltar 2 tendências que coexistem a partir da década de 1940. Podemos assemelhar primeira à história metódica, praticada já no século XIX, muito virada para a história política, que descreve as grandes personagens da história portuguesa, os grandes períodos da história medieval e moderna. A segunda é mais ligada a história económica e social desenvolvida em França na dita escola dos *Annales*, mas também em outros países. Esta última era muito mais escrita por autores próximos da oposição ao regime ditatorial, enquanto a primeira era mais uma prática dos historiadores que adequavam se com a ideologia do regime.

Para limitar o meu discurso, decidi falar de 3 historiadores que foram saneados depois do 25 de abril de 1974: Joaquim Veríssimo Serrão, Jorge Borges de Macedo e Salvador Dias Arnaut cujos percursos antes e depois do 25 de abril de 1974 vou tentar esclarecer. Eram esses 3 historiadores grandes opositores? Depois de uma rápida passagem pelo MUD Juvenil, Joaquim Veríssimo Serrão teve uma clara proximidade com o poder político pois tinha uma proximidade íntima com Marcelo Caetano e até publicou a sua correspondência com o Presidente do Conselho nos anos 1980. Entre os três historiadores, é o que seria o mais óbvio opositor à da Junta de Salvação Nacional. Jorge Borges de Macedo e Salvador Dias Arnaut foram ambos historiadores que tinham um apreço para o regime ditatorial. O caso de Jorge Borges de Macedo é interessante, pois na sua Juventude fui um simpatizante do Partido Comunista Português, pelo menos até 1947 como o mostram os seus processos nos arquivos da PIDE/DGS, mas aproximou-se do poder, pois para ter uma vaga na faculdade prestou declaração e mostrou que já não era ligada à oposição ao regime ditatorial. Salvador Dias

Arnaut foi um patriótico, muito voltado para a história medieval e com uma grande paixão pela Inês de Castro, sem por entanto ser um grande militante nem uma pessoa política pertencente à União Nacional.

Para resumir, se não foram grandes opositores ao 25/04/1974 e assinantes de tribunas para o regresso do antigo governo ou próxima das tendências mais à direita durante o Processo revolucionário em curso, é é mais uma oposição de facto, pois eles perderam a função que ocupava e também trabalho que tinham, para uns anos ou até para o caso de JVS para a vida. Vamos então ver como é que eles passaram do centro da tensão historiográfica, até uma marginalização, para depois avistar a recuperação poder simbólico que eles tinham na atualidade.

I) Científicos no centro: três historiadores consagrados em 1974

Entre os 3 historiadores, SDA é o menos conhecido. Nascido em Penela, licenciou-se em medicina em 1940, ano em que concluiu esta formação, e começou uma atividade de médico. Ao mesmo tempo, decidiu-se licenciar em ciências histórico-filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, curso que acabou em 1947. Segue o caminho das letras, e começa a ser professor assistente em 1952. Vai ocupar funções de docente em contínuo, consegue o título de doutor em 1960, e chega a função do professor catedrático em 1971. A partir deste ano, vai ocupar o cargo de subdiretor da faculdade de letras de 1971 até 1974. É um historiador que se insere na ideia de uma historiografia local, voltada para os grandes vultos da história, que gosta também da história-batalha ou seja, uma história muito próxima da escrita pelos historiadores metódicos franceses e alemães do final do século XIX. Era, deste modo, um historiador que se afina a história aceiteada pelo regime ditatorial português. O facto do seu livro, *a batalha de Trancoso*, obter o prémio Alexandre Herculano do Secretariado de Propaganda Nacional, conforta o enquadramento do seu pensamento histórico na matriz Do Estado Novo.

JVS nasceu em Santarém. Realiza seus estudos na Universidade de Coimbra e termine a sua licenciatura em História e Filosofia em 1948. Vai para França onde é leitor de cultura portuguesa em Toulouse de 1950 até 1960. É nesta altura que recebe o prémio Alexandre Herculano em 1954. Ao mesmo tempo, obtêm um doutoramento em França em 1953, como um outro na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1956. Começa sua carreira docente em 1961 como primeiro assistente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. De 1967 até 1972, ocupa o cargo de diretor do Centro Cultural Português de Paris. Regressa a Portugal, e obtêm o título de professor catedrático em 1972. É nomeado reitor da Universidade de Lisboa de 1973 até 25 de abril de 1974. É o momento-chave da sua carreira académica com uma tal distinção e função simbólica. A história que escreve é menos local do que a de Salvador Dias Arnaut, mas é também uma história muito apegada à história política, à história biográfica dos grandes homens e mulheres da história portuguesa, ou seja também numa matriz muito próxima nas histórias escritas pelos pelas pessoas próximas do poder político português.

Jorge Borges de Macedo, nasceu na cidade de Lisboa. Começou a sua licenciatura em História Filosofia no início da década de 1940 e acaba este diploma em 1944. Começa uma carreira como professor no Colégio Moderno, lugar onde davam aulas as e os professores em oposição ao regime ditatorial, e a partir de 1953 começa um trabalho nos CTT. Começa sua carreira docente universitária a partir de 1958 após algumas dificuldades, mas, a partir desta data, sempre segue como professor na Universidade de Lisboa. Obtém o grau de doutor no ano de 1964, e o professor catedrático em 1969. Dirige a faculdade de letras da Universidade de Lisboa a partir de 1972, cargo que ocupa até o 25/04/1974. A história escrita pelo Jorge Borges de Macedo é diferente da dos dois outros historiadores. Pois, o percurso de Jorge Borges de Macedo é interessante na medida em que ficou apegando a história escrito pelo Vitorino Magalhães Godinho, um de seus mestres quando era jovem estudante na Universidade de Lisboa, e apesar de se ter afastado dos grupos em oposição ao regime ditatorial, seguiu escrevendo uma história económica e social tal como era o comum em França e em outros países da Europa. Ao progredir na carreira universitária na Universidade de Lisboa, a par da história escrita pela professora Virgínia Rau, desenvolveu trabalhos sobre a economia portuguesa do século XVIII, ou seja, algo de pouco habitual neste meio dos professores que eram próximo o que não se opunham ao poder político português. Esta particularidade deve ser ressaltada, mas é uma exceção no meio historiográfico português dos professores catedráticos efetivos No Estado Novo.

Se concluimos, os três historiadores eram catedráticos, tendo atingindo o último grau da hierarquia académica, com uma bibliografia importante, até com funções no estrangeiro para JVS, e ocupavam funções administrativas de relevo. Eram vistos como referências universitárias, apesar de já existirem algumas críticas vindo da esquerda e de uma certa historiografia crítica (sobretudo para o tipo de história escrita por SDA e JVS). Também, pode ser assinalada que os 3 historiadores foram membros da Academia Portuguesa da História, instituição criada em 1936 mas ativa a partir de 1937, cujos trabalhos deviam oficialmente defender a história pátria, o Império e propor uma visão revisionista da história.

II) Rumo à periferia no pós 25 de abril de 1974: regressar, para quê?

Escolhi como título desta parte, ou de um livro escrito por Victor de Sá, chamado *Regressar para quê?* Foi impedido de circular muito rapidamente depois da sua primeira publicação. Assim, Victor de Sá tinha realizado o seu doutoramento em França, e tentou regressar para ser professor universitário, mas foi impedido por causa do seu empenhamento político, nomeadamente comunista.

Permitam-me fazer uma pequena apresentação da situação dos historiadores, e mais geralmente dos académicos em atividade no dia do 25/04/1975. Não foi imposta uma demissão geral dos quadros docentes, e na maioria dos casos, muito dos professores mantiveram-se na sua cátedra. Apenas as pessoas que tinham funções de direção, ou seja, algo que era assemelhava a uma colaboração ativa com um poder, foram demitidos. Para os nossos 3 historiadores, foi então o que aconteceu. Como mostra o trecho, a situação acelerou-se muito rapidamente e já no final de abril, as exonerações eram efetivas. Em escassos dias, esses 3

historiadores passavam do centro da atenção à margem. Como podem ler neste quadro, as situações são diferentes (mesmo se confesso não consegui encontrar informações acerca da situação profissional de Salvador Dias Arnaut). Como vemos no caso de Jorge Borges de Macedo e de Joaquim Veríssimo Serrão, tiveram de dar aulas em pequenas estruturas muitas vezes privadas ou então que já não eram universidades oficiais. Só com o início da década de 1980 é que a situação se altera, pois Salvador Dias Arnaut e Jorge Borges de Macedo recuperaram os seus lugares na faculdade. Joaquim Veríssimo Serrão não regressou, mas ocupou o cargo de Presidente da Academia Portuguesa da História durante mais de 30 anos.

Não vou ler este trecho, mas podem ver qual foi o posicionamento da Academia Portuguesa da História depois do 25 de abril de 1974, ou seja, aceitaram a nova situação política. Neste quadro de aceitação para poder existir como instituição, Joaquim Veríssimo Serrão, aproveitou para criticar a situação política de então a partir do seu cargo nesta instituição. Durante o elogio de Damião Peres, pronunciado em 1977, aflora na citação a amargura do antigo professor da Universidade de Lisboa, tanto como a visão muito negativa da universidade em tempos democráticos. Sentimos aqui a sua decepção com a evolução do regime democrático em comparação com a situação precedente. Sempre desde o seu lugar de Presidente da Academia, Joaquim Veríssimo Serrão, já na década de 1990, recorda como viveu a situação do seu afastamento como um lado Jorge Borges de Macedo, ao minorizar o seu papel político.

Se poderia multiplicar as citações mostrando como esses historiadores viveram este momento de afastamento da universidade portuguesa, gostaria agora de salientar como é que este momento da história revolucionária é lembrado na atualidade.

III) Uma memória seletiva: a difícil evocação do saneamento

Com o passar dos anos, os acontecimentos posteriores ao 25/04/1974 ficaram um pouco esquecidos na maioria dos casos. As pessoas moderadas, nomeadamente, os estudantes e os professores, tem sobretudo uma imagem da desordem, das assembleias gerais sem fim. Claro que para os antigos opositores ao Estado Novo, esta experiência revolucionária fez com que a sua vida se modificasse grandemente. Há uma clara discrepância segundo as tendências políticas do que aconteceu na academia no pós 25 de abril de 1974.

Os 3 professores foram todos homenageados em várias ocasiões e de várias formas, sinais que este momento do afastamento político ficou esquecido. Foi o caso do Joaquim Veríssimo Serrão, o que nos apareceu como o mais magoado pela situação vivida durante a Revolução. Teve assim uma exposição na Biblioteca Nacional de Lisboa ainda quando era vivo, mas já com alguns problemas de saúde. Também foi homenageado na cidade onde nasceu, em Santarém, onde uma rua tem o seu nome. É também nesta cidade que uma instituição foi criada para receber a sua biblioteca pessoal. O Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão, foi criado em 2011 com uma abertura já efetiva em 2012. Devemos também salientar a maneira como é referida o período do seu afastamento político da universidade, sinal de o menosprezo para este período da biografia do historiador. São várias comunicações que são

feitas neste centro, e até podemos ver uma parceria com a instituição que dirigiu durante 30 anos, Academia Portuguesa da História.

Jorge Borges de Macedo tem 2 ruas com seu nome nos subúrbios de Lisboa: uma em Linda-a-Velha e a outra em Rio de Mouro. Também é interessante ver como é que as biografias de Jorge Borges de Macedo podem ou não referir a este período do 25 de abril. No Elogio da Academia Portuguesa da História, Maria do Rosário Themudo Barata não faz referência a seu afastamento político, enquanto no dicionário de historiadores portugueses, é mencionado. Podemos supor que no meio de uma instituição mais conservatória, este facto era algo podia ser assemelhada a um pormenor difícil que não devia ser lembrado.

No caso de Salvador Dias Arnaut, vemos também a utilização da palavra penosa para descrever o seu afastamento, ou seja, um julgamento sobre este facto que pode magoar a imagem do professor. Mas na cidade onde nasceu, Penela, o historiador foi homenageado com uma rua com o seu nome, mas também com um centro da investigação, tal como aconteceu para Joaquim Veríssimo Serrão. Até tem uma estátua que o homenageia. Permito-me aqui apenas uma reflexão: vemos como esta multiplicação dos centros de investigação a favor de uma figura intelectual, pode transformar-se numa institucionalização das figuras públicas, com a finalidade de prolongar a boa memória dos intelectuais, mas complexificando a historicização dos percursos individuais.

Para concluir, relembro que aqui apresento apenas umas pistas de investigação que mereceriam de ser aprofundadas. Ao retomar a questão inicial, creio que podemos afirmar que os três historiadores viveram de uma maneira brutal a irrupção do 25 de abril de 1974. Pois eram os três professores catedráticos, com uma vida académica bem preenchida e com funções nas respetivas reitorias das universidades de Lisboa e Coimbra. Com o saneamento de todos os professores com cargos de direção, começou um período complicado para os três, onde a questão da maneira de agir na agitação política é clara: será que fosse melhor desistir e focar-se em outras possibilidades como o fez Joaquim Veríssimo Serrão ou então entrar num processo de reabilitação como o fizeram Salvador Dias Arnaut e Jorge Borges de Macedo? Porém, a memória destes tempos conturbados tem claros defeitos e na atualidade, esta fase da vida desses professores é apagada, sinal de que o período do 25 de Abril e as suas firmes decisões ainda são motivos de timidez.

Creio que resta para fazer a história dos docentes no período da Revolução portuguesa, pois agora que quase todos os professores ativos nesta altura já faleceram, o acesso aos processos individuais dos professores é possível. Desta forma, há um conjunto de documentos que ficam acessíveis e que merecem uma olhada, para ir além de certas imagens que temos da Revolução dos Cravos, tal como os das assembleias gerais de estudantes que deram os nomes dos professores que gostariam de entrar nos quadros. É um ponto que gostaria de aclarar, além dos testemunhos que recolhi ou do que cheguei a ler durante a minha investigação de doutoramento. De agora em diante, terei mais possibilidades para aprofundar e espero que a conversa que teremos após as apresentações permitirá ir além.